

Editorial

E nasce a Crítica Educativa!

Born Educational Criticism !

*Prof. Dr. Marcos Francisco Martins**
Editor Responsável

Este é o primeiro número da *Crítica Educativa*, periódico articulado pelo PPGEd (Programa de Mestrado em Educação) da UFSCar (Universidade Federal de São Carlos), *campus* Sorocaba, cuja periodicidade no primeiro ano será semestral.

Ao tomar como linha editorial a educação, esta foi entendida no sentido amplo do termo, como fenômeno sócio-histórico, que se desdobra em todos os ambientes sociais, uma vez que se refere a processos de formação humana, caracterizados pela dinâmica do ensino e da aprendizagem.

Por sua vez, a palavra crítica não é unívoca, haja vista que é empregada com usos e abusos na linguagem cotidiana, científica ou coloquial, seja no sentido negativo, acusatório, seja com conotação positiva, de capacidade de avaliar com profundidade algo ou algum fenômeno qualquer. Originariamente, a palavra crítica é próxima de crise: do grego *krinein*, que se refere a algo que foi, de alguma maneira, quebrado, separado; portanto, está confuso, em crise, passando por processo de transformação, o que demanda julgamento apropriado, alguma discriminação, distinção, seleção para que se tenha dele uma nova concepção. Advinda do grego *kritikos*, crítica diz respeito à capacidade de julgar, mas por meio de um processo ao mesmo tempo profundo, porque quer-se conhecedor dos detalhes das partes de uma totalidade, e amplo, pois exige uma visão das partes na totalidade que as compõe.

Essa noção originária parece ter influenciado Kant ao produzir o criticismo que identifica o legado que deixou, pelo qual se revela a razão como forma inata, mas que se preenche de conteúdos advindos da experiência, produzindo conhecimento em uma perspectiva inovadora, para além do que acreditavam inatistas e empiristas, e determinando novos limites e possibilidade a esse processo. Esse sentido eminentemente epistemológico kantiano da palavra crítica torna evidente certa articulação entre forma e conteúdo como dimensões de uma mesma realidade, que se manifesta no sujeito ao produzir conhecimento sobre um objeto qualquer.

* Graduado em Filosofia, com mestrado e doutorado em Educação, é coordenador do Programa de Mestrado em Educação da UFSCar *Campus* Sorocaba (PPGEd), líder do GPTeFE (Grupo de Pesquisa Teorias e Fundamentos da Educação), editor da *Crítica Educativa* e bolsista PQ-CNPq.

Tanto no sentido etimológico, quanto no sentido kantiano, a crítica adquire um significado que a projeta como capacidade de julgar, de maneira racional, radical e rigorosa, os fenômenos humanos, algo que se distancia de dogmatismos de toda ordem. Aplicada à educação, poder-se-á indicar a crítica educativa como uma avaliação, como elaboração de um juízo sobre as ações relacionadas à formação humana, a partir daquilo que guardam na forma e no conteúdo do desenvolvimento dos históricos processos de ensino e aprendizagem, os quais se desdobram na escola ou fora dela, em todas as searas da vida social. De tal processo resultam novos conceitos a identificar os fenômenos e que podem, de alguma maneira, colaborar para que se transformem ou se conservem.

Além desse sentido consolidado historicamente de crítica, como uma palavra com forte conotação de análise, de interpretação e compreensão que se pretende não dogmática, pois é uma visão profunda e ampla dos fenômenos sociais, com implicações nos processos de transformação ou de conservação, considerando os limites e as possibilidades que guardam, mais contemporaneamente no Brasil e particularmente vinculada à educação, foi consubstanciado um significado importante para a palavra crítica com a formulação da chamada Pedagogia Histórico-Crítica.

Esta é uma teoria pedagógica que tem entre as elaborações que a caracteriza a de mapear as demais a partir do conceito de crítica. Para ela, a crítica refere-se a um tipo de concepção que as teorias educacionais têm sobre a relação entre educação e sociedade, de maneira que se configuraram no contexto educacional brasileiro, dois tipos basicamente, quais sejam: as não críticas, que entendem que a escola se explica por si mesma, pois é concebida desvinculada das relações sociais, não incidindo sobre ela qualquer relação de determinação direta ou dialética; e as críticas são justamente as teorias educacionais que entendem haver relação de determinação direta ou dialética entre escola e sociedade, isto é, a escola está imanentemente articulada às relações sociais, de maneira que não se explica por si e em si mesma, mas nas relações que estabelece com o contexto onde se insere.

Essas e outras acepções do conceito de educação e de crítica estiveram presentes no debate entre os(as) docentes do PPGEd quando resolveram articular-se para produzir e publicar, segundo os critérios e normas da comunidade científica, um período sobre a educação e lhe identificar pelo termo de *Crítica Educativa*. Dada a pluralidade teórico-metodológica que os(as) caracteriza, que se manifesta em diferentes "objetos-sujeitos" de análise, métodos e linguagens empregados para conhecê-los, que se expressam nas linhas e projetos de pesquisas aos quais estão vinculados(as), o presente periódico espelha este espírito plural neste primeiro número e se pretende que tal identidade seja um perfil da revista.

Assim concebida, a *Crítica Educativa* está aberta à comunidade acadêmica nacional e internacional. Tem o objetivo geral de possibilitar a publicação de trabalhos que contribuam com o desenvolvimento da pesquisa na área da educação, resgatando os conhecimentos produzidos historicamente e atualizando-

os ao tempo presente, bem como promover as condições adequadas para publicar as reflexões e as análises sobre as diferentes práxis educativas escolares e não escolares.

Publicada apenas no formato eletrônico e publicizada pela plataforma *Open Journal Systems*, a *Crítica Educativa* é um periódico produzido pelo sistema de pares-cegos, com acesso aberto. Buscou-se na formatação e na dinâmica de produção e publicação atender às recomendações normativas vigentes para publicações acadêmico-científica, particularmente as da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas), bem como às orientações de indexadores nacionais e internacionais, aos quais se buscará, a partir desse primeiro número publicado, indexar o periódico. De maneira que, como se poderá observar na composição do Conselho Editorial, o critério da internacionalização, por exemplo, está garantido, bem como nos textos contidos no presente nº 1 e, quiçá, nos demais vindouros.

A propósito, neste primeiro número, a *Crítica Educativa* traz uma entrevista com Dermeval Saviani sobre o conceito de catarse na Pedagogia Histórico-Crítica. Realizada em 18 de setembro de 2013, ao longo do texto resultante de cerca de 5 horas de diálogo, o qual foi transcrito integralmente, problematiza-se um dos conceitos mais centrais para essa que é reconhecida amplamente como uma pedagogia crítica e que, muito embora esteja em processo de formulação, tem no entrevistado o principal formulador.

Dada a importância de Saviani na educação e na pesquisa sobre ela no cenário brasileiro atual, o que é reconhecido até mesmo por muitos dos que com ele não compartilham do materialismo histórico-dialético como paradigma teórico-metodológico, entende-se que o referido texto possa colaborar para fazer avançar o conhecimento sobre essa teoria pedagógica.

Um dossiê temático sobre políticas educacionais contém também o primeiro número da *Crítica Educativa*. Articulado por um integrante do Comitê Editorial, o Prof. Dr. Paulo Gomes Lima, nele há seis textos de autores que são referências a esse debate no Brasil e fora dele. Ao abordar questões como o Processo de Bolonha e a internacionalização do ensino superior, o conceito de cidadania "restrita", as implicações éticas na educação superior, o uso das TIC e de conteúdo digitais na formação de professores, o dossiê evidencia a construção do conhecimento na área das políticas educacionais, oferecendo ao leitor uma visão ampla sobre esse debate.

Na seção de demanda contínua há dois artigos de reconhecidos pesquisadores e educadores. No primeiro texto, é clara a escrita de Carlos Rodrigues Brandão, não apenas pela estilística que emprega, mas no tema tratado, a criança, a partir da referência aos "Círculos de Cultura", tão caros à Pedagogia Freireana. No subsequente artigo dessa mesma seção, Medeiros, Mello Neto e Catani discutem os clichês presentes nos saberes e nos discursos estatísticos, algo realmente significativo para a pesquisa na área da educação, muitas vezes enviada quantitativamente na busca por atender padrões que são estranhos à área das ciências humanas e sociais.

Há ainda, neste número da *Crítica Educativa*, resenhas e resumos, os quais se articulam com os demais textos para propiciar ao leitor interessantes abordagens sobre o fenômeno educativo e a pesquisa em educação.

Espera-se que nos próximos números da *Crítica Educativa* a mesma qualidade presente neste primeiro se repita, em favor da educação e da pesquisa, mas qualidade não apenas aferida pela métrica do "produtivismo" (leia-se: "fator de impacto"), e sim avaliada pelos critérios do impacto social desencadeados na educação e pesquisa como desvelamento e ampliação dos fenômenos históricos socialmente produzidos.

Desejo a todos(as) da comunidade acadêmico-científica, bem como aos demais interessados neste número do periódico que se está a lançar, uma boa leitura e, quem sabe, que ela possa contribuir, de alguma maneira, com o processo de formação de educadores e de pesquisadores em educação.

Sorocaba/SP, em setembro de 2015.